

MEMÓRIAS DIABÉTICAS

Não foi neste último aniversário, mas ele me lembrou as festas de quando era criança, quando meus amigos me questionavam sem parar sobre as seringas e insulinas que levava comigo.

Na realidade, eu nunca era incluída nas festas dos meus amigos. Nunca tinha um suco ou um refrigerante diet, e todos salgados tinham carne. Às vezes, as mães dos meus amigos perguntavam:

- Quer alguma coisa, querida? Um refri, um beijinho?

Ah... Os beinhos! Eu tinha uma paixão pelos beijinhos. Mas era vital que eu não olhasse, qualquer profunda suspeita de que estava me deixando levar pelo desejo, era perigosa, então tentava me distrair com o que podia.

No meio de preocupações com meus estudos e aplicações, não cabia eu me deixar levar, ou exagerar no açúcar. Mas eu sempre me pegava pensando em como seria se eu não tivesse essa doença.

Mas teve um aniversário diferente, em que me permiti olhar para os doces e imaginar o que aconteceria se me deixasse levar pelo desejo de parecer normal. Foi quando aconteceu. O garçom da festa me ofereceu refrigerante diet e esfirras de queijo. Talvez por pura falta de atenção na hora de comprar as bebidas, ou encomendar os salgados, alguém havia se lembrado de mim.

Sim, alguém havia me notado, mesmo que sem querer.

E todas as noites que passei bebendo água valeram a pena, porque alguém havia se lembrado. Havia se lembrado de mim...

Laís Mathiello, 192, conto psicológico, março de 2016.